



XIV ANPED-CO

XIV ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE

3444 - Trabalho Completo - XIV ANPED-CO (2018)
GT 22 - Educação Ambiental

Diálogos sobre Democracia, Educação Ambiental e Resistência no tecer das práticas cotidianas: reflexões a partir das vivências na Escola Nossa Senhora Aparecida da comunidade do Chumbo em Poconé ? Mato Grosso.

Aleth da Graça Amorim - UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso

As reflexões presentes surgem a partir das vivências com as e os estudantes da escola Nossa Senhora Aparecida realizadas através de oficinas na comunidade do Chumbo no final do ano de 2017, na cidade de Poconé – Mato Grosso. E traz como objetivo a discussão acerca de práticas democráticas em diálogo com o aporte teórico Educação Ambiental, a fim de refletir sobre as possibilidades da sua construção cotidiana, assim como a de resistência e oportunizar outras vivências dentro do espaço escolar neste momento em que o Brasil e a América Latina passam por rupturas democráticas.

1. Reflexões iniciais: Educação Ambiental, Resistência e Democracia.

No final do ano de 2017, foram realizados cinco encontros com as e os estudantes da escola Nossa Senhora Aparecida na comunidade do Chumbo na cidade de Poconé – Mato Grosso, e tinha como objetivo geral a construção de práticas democráticas que possibilitassem a reflexão acerca da resistência, de temas pertinentes a Educação Ambiental e oportunizassem outras vivências dentro do espaço escolar. Para tanto, adotamos a perspectiva de uma Educação Ambiental promotora de cidadania, mobilizadora, engajada, estimuladora da transformação social e que traz dentre os seus princípios filosóficos, como apontados Silva e Jaber-Silva (2015), um perfil político e no seu fazer uma prática reflexiva e metodológica das vivências e com vivências.

Consideramos também as palavras de Sato, Silva e Jaber que apontam que “o ambiente não é um mero qualificador neutro ou temporariamente necessário à educação, mas o ambiente é um substantivo político que explicita as lutas construídas no campo ecologista.” (SATO, SILVA, e JABER, 2018, p.46). Também acreditam que a Educação Ambiental seja uma forma de resistência para se posicionar no mundo. E entendem que a educação possui correntes teóricas amplas que incidem em diversas práticas e métodos e que desde o seu surgimento tem um interesse que favorece as classes economicamente estabelecidas.

Tendo em vista que a educação escolar também se insere dentro dessa realidade, optamos pensar as práticas dentro da perspectiva, como definida por Freire (1967), de uma educação para o desenvolvimento e para a democracia, sendo esta aprendida na própria existência. Compreendemos a democracia como uma busca e construção permanente para uma convivência digna e humana. Para Leroy e Pacheco (2005) a democracia é tida como valor universal que transcende as noções de forma e de método, que além de ser proveniente do povo e garantir sua participação efetiva nas decisões deve ser alicerçada acima de tudo considerando “para que” e “com que fins” direciona o uso do seu poder, e por isso escreve “o que fazemos com ele; quem são os beneficiários e quais os benefícios dele provenientes. É uma busca permanente pela igualdade.” (LEROY e PACHECO, 2005, p.131).

É importante salientar que a democracia intrinsecamente envolve mudanças e uma maior flexibilidade de consciência. Sendo que para Freire (1967) a consciência há de ser cada vez mais crítica quanto mais autêntica a democracia, sendo esta fundada na crença humana:

Ora, a democracia e a educação democrática se fundam ambas, precisamente, na crença no homem. Na crença

em que ele não só pode mas deve discutir os seus problemas. Os problemas do seu País. Do seu Continente. Do mundo. Os problemas do seu trabalho. Os problemas da própria democracia. (FREIRE, 1967, p.96)

Assim, falamos de uma democracia gerada e geradora de uma consciência que traz uma vontade coletiva, uma democracia “que questione o poder das elites; o uso que é dado à ciência e à tecnologia; a mercantilização dos valores que determinam nossa ética, nossos sonhos e desejos.” (LEROY e PACHECO, 2005, p.142). Dentro desse diálogo da necessidade de uma educação comprometida democraticamente que oportuniza uma consciência crítica as oficinas foram planejadas na perspectiva de Educação Ambiental, defendida por Leroy e Pacheco (2005), como uma educação para cidadania, igualitária, sendo um exercício político que considera os conflitos e o modelo de desenvolvimento, uma educação acima de interesses particulares, privatização e mercantilização da natureza.

E que também entende que os recursos naturais e meio ambiente são “bens comuns” do país e humanidade e, por isso, o interesse geral da humanidade, de hoje e do futuro, é o que deve estar acima. Tais educadores também afirmam que no mesmo movimento reflexivo, o educando é convidado a mudar de postura ou fortalecê-la, a mudar ou fortalecer a sua relação com seu meio ambiente, e a se inserir na tarefa democrática de fazer prevalecer o interesse coletivo da humanidade.” (LEROY e PACHECO, 2005, p.134)

Por isso, foi adotada a perspectiva de uma Educação Ambiental democraticamente comprometida, que entende o ambiente como uma herança da humanidade e deve ser discutida e compartilhada democraticamente de maneira responsável e solidária, e por isso uma tarefa eminentemente política, como salientado ainda por Leroy e Pacheco (2005).

2. Reflexões metodológicas e relatos do processo

A escola Nossa Senhora Aparecida é localizada no distrito do Chumbo em Poconé - MT e atende estudantes do ensino fundamental. As oficinas foram realizadas no período vespertino em paralelo ao processo do Mapa Social que era realizado com a equipe docente e gestão. As descrições e apontamentos se dão nas reflexões do processo das oficinas com as e os estudantes. Ao total foram realizadas cinco oficinas, nas datas de 20/10, 27/10, 10/11, 01/12 e 08/12 do ano de 2017 e tiveram a participação de aproximadamente 125 estudantes. Cada oficina contou com duas pessoas facilitadoras e foram organizadas dentro de um processo formativo que envolvia e perpassavam cinco processos:

1. **Pensando o processo;** foi apresentada a proposta dos encontros e suas temáticas;
2. **ConFetos;** na perspectiva apresentada por Sato, Gauthier e Parigipe (2008) em que conceitos se misturam com afetos, em que foram apresentados e trabalhados de forma dinâmica os conceitos das temáticas;
3. **Mão na massa;** trabalhou-se a técnica específica relacionada à oficina escolhida (estêncil, muralismo, poema, desenhos, vídeos, etc);
4. **A chegada;** finalizou e avaliou o processo;
5. **Socialização;** organizou-se uma exposição interativa com toda a produção estudantil.

As oficinas foram denominadas de acordo com sua prática central e trazia objetivos específicos a elas:

- **PoemAção:** oficina de poemas e desenhos que trabalhou a temática Escola e currículo, os sentidos e significados do/as estudantes sobre a escola e sentimento de pertença;
- **Voz ao muro:** trabalhou a temática do Paulo Freire e técnicas de pintura no muro;
- **O grito das mãos:** a temática foi Cultura e resistência e a técnica apresentada foi o estêncil;
- **VideoAção:** técnicas de fotografia e vídeo;
- **Pensando onde se pisa:** trabalhou a temática Natureza e conflito.

Cada encontro teve um planejamento anterior e uma avaliação posterior, de maneira a garantir o não enrijecimento do processo e o registro das observações individuais das facilitadoras, além do diário de campo. Trazia um roteiro não fixo que propunha a construção de acordos coletivos, dinâmicas, brincadeiras, rodas de conversa temática, exibição de curta-metragem, leitura dialogada, fotografias, entre outros. Aos/as estudantes se dividiram nas oficinas por interesse nas temáticas e a cada encontro era apresentado à proposta do dia, que eram aceitas ou não dependendo do interesse do grupo.

Durante todo o processo as facilitadoras procuraram em não ocupar um lugar de detentoras do saber, mas manter o diálogo sobre as situações tanto em nível local como global. As e os estudantes por vezes apontavam exemplos de conflitos vividos e também traziam muitas histórias de lutas da

comunidade. Como as oficinas eram sempre muito dinâmicas e horizontalizadas, por vezes se configuravam como “bagunça” e “desordem” pela administração da escola, em que foi preciso um diálogo pra reforçar os objetivos dos encontros. Foi exercitada a prática que em cada situação problema fosse dialogado sobre as motivações e as consequências de tais práticas para o andamento das oficinas, também os acordos coletivos que foram pensados no primeiro encontro eram revistos constantemente. Foi possível observar que os e as estudantes inicialmente traziam sempre a prática de “pedir permissão” seja para subir na mesa em uma dinâmica de estourar balão no teto ou pra ir ao banheiro. Muitas vezes perguntavam novamente “pode mesmo?”.

Com o decorrer dos encontros passaram a contribuir diretamente com questões de entrada e saída da sala, retorno dos lanches e intervalos, distribuição de materiais, etc. A cada término das oficinas as facilitadoras eram deparadas com perguntas se iriam voltar ou propostas de próximas atividades. Como as oficinas não se propuseram a apresentar um resultado final, mas, sim trazer o acúmulo gerado nas vivências, registramos e anotamos as falas e confecções dos e das estudantes consideradas mais significativas e que evidenciava diretamente o viés teórico adotado. Podendo ser exemplificar as seguintes situações:

No terceiro encontro da oficina *Pensando onde se pisa* em que se trabalhou a temática rebeldia e procurou identificar os sentidos e significados das e dos estudantes atribuídos a conflitos e natureza, apresentou-se a frase “Não são os rebeldes que criam os problemas do mundo, são os problemas do mundo que criam os rebeldes. A rebeldia é vida. A submissão é a morte” de Ricardo Flores Magón, anarquista mexicano. E em seguida foi apresentadas imagens de conflitos ambientais, onde se pediu que em dupla identificassem o problema e em seguida escrevessem um tipo de rebeldia como resolução. Eis algumas das frases escritas: Dupla 1: diante do desenho de um indígena caído morto numa cerca escrita “propriedade do agronegócio” escreveram “*nós não podemos agir contra a lei, mas neste caso devemos. Porque uma ordem como essa nós não podemos aceitar.*” Dupla 2: diante do desenho de um homem com um chapéu escrito agronegócio que comia um pedaço de terra com um grupo indígena, escreveram “*os problemas identificados nisso é que a terra não era pra ser usada como ganância para mim era pra ser de todos e os outros não podem. A rebeldia faz bem nesse caso porque juntou um grupo de pessoas para reclamar seu direitos sobre a terra.*”

Já no segundo encontro da oficina *O grito das mãos* logo após serem trabalhadas as temáticas conflitos e resistências, montou-se um quebra-cabeças com imagens de conflitos ambientais foram expostas fotografias de resistência indígena, do movimento sem terra, quilombolas, etc.. Com isso, foi solicitado que identificassem na comunidade que moravam se havia situações semelhantes e em seguida construir uma história, uma música ou um desenho relacionado. Uma estudante apresentou o seguinte texto, como paródia de uma música: “*Tragédia. Era uma vez uma história de uma linda cidade que viviam em paz e em humildade mas o governo chegou pra com essa paz acabar e a humildade que existia nunca vai chegar e de repente eu escuto um barulho no chão era um arvore caída e a desmatção. E uma atitude eu devia tomar foi conversar mais eles não quiseram me escutar. Parei pensei vou reunir uma multidão pra cuidar do lixo e dos animais para que a nossa pátria brilhar ainda mais. O povo concordou e fomos agir plantar mandioca, banana, manga e açaí, goiaba, melão e melancia que um dia vão florir. E o governo com muita raiva ficou foi destruir e muita soja ele plantou depois de um tempo ele veio com um avião para bater veneno e destruir a nossa plantação. Os fazendeiros se unissem pra com eles acabar porque fazem mau pra ele e pra fauna e flora e a união mais uma vez venceu e a nossa cultura mais uma vez floresceu.*”

É importante destacar que as facilitadoras foram solicitadas muitas vezes pelos estudantes para que ocupassem um lugar de autoridade e poder para resolver alguma situação problema, entretanto tentou-se não exercitar essa prática mesmo que por vezes as situações surgidas faziam parecer que esta era melhor postura. Também foram trazidos muitos exemplos de conflitos sociais ambientais das comunidades e exemplos de luta e resistência, que fomentaram os diálogos.

3. Considerações e apontamentos

As oficinas se tornaram um desafio principalmente para as facilitadoras a partir do momento em propuseram na construção de outras vivências dentro de um ambiente escolar com normas pré-estabelecidas. Pois quando as e aos estudantes se encontraram em situações de não controle e um ambiente que até então é permeado por regras e deveres, foi preciso construir com elas e eles a prática de acordos coletivos para aquele espaço temporal, forçando que as facilitadoras revesses constantemente suas práticas, exercitassem o dialogo e a reflexão critica diante das dificuldades

surgidas no processo. Visto que o objetivo enquanto exercício democrático não foi incidir em decisões e espaços institucionais, mas, sim construir pelas oficinas vivências de práticas horizontais no cotidiano escolar, observou-se que os elementos democráticos (como a não hierarquização, divisão de tarefas, práticas de não controle, diálogo crítico, etc.) fomentaram o pensar a resistência ao mesmo tempo em que possibilitou o fazer de uma Educação Ambiental comprometida com a transformação social.

Neste movimento reflexivo a e o estudante foram convidados a refletir sobre suas posturas, fortalecendo ou mudando diante das situações, se inserindo nas tarefas pontuais das oficinas e com isso, prevalecendo o interesse do coletivo. Ao mesmo tempo, que acessaram debates do seu agir no mundo, de uma maneira ecologicamente comprometida. Em tempos de ruptura democrática como vivenciamos atualmente no Brasil e na América Latina, acreditar na democracia como para Paulo Freire (1967), em que é forma de vida antes de ser política, faz como que exercícios como esses de comportamentos democráticos em vivências cotidianas, se tornem cada vez mais necessária. De forma, que lançasse ao debate, ao exame de problemas individuais, de problemas comuns a todos e a fomentação da participação nos afirma a possibilidade de resistência diante de tantas injustiças.

Entendendo a democracia como um valor universal e que não possui uma forma ou um método, procurou-se construir exercícios de pensar e decidir, ao mesmo tempo em que se refletia sobre o ambiente, para que e com que fins tem se direcionado seu uso, quem é beneficiado, quem é prejudicado, e qual a importância da busca pela igualdade. Ao serem fomentadas essas reflexões, foi possível observar a presença mesmo que de forma não muito complexas dessas concepções pelas e pelos estudantes.

Outro grande desafio se fez no exercício com os e as estudantes de uma Educação Ambiental que entenda e respeite as diferenças da diversidade, que aponte para a relação entre a diversidade planetária e humana. Sabemos que não é possível dimensionar os efeitos subjetivos com as e os estudantes, entretanto, manifestações afetuosas se deram repetidas vezes, assim como o desejo que se estendessem os encontros ao mesmo tempo em que pode em que foram manifestados apontamentos críticos diante das situações problemas. Desta maneira, acreditamos que é totalmente possível uma Educação Ambiental comprometida com a democracia e práticas de resistência. Uma educação para decisões, pra inclusão do ponto de vista social e para um agir ecológico, em que esperanças são tecidas para um mundo mais humano e solidário.

Referências

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p.96.

LEROY, Jean P.; PACHECO, Tania. Democracia. In: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antônio (Org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental. 2005, p. 127-141.

SILVA, Regina A. JABER-SILVA, Michelle. O mapa social e a educação ambiental, diálogos de um mapeamento participativo no Pantanal, Mato Grosso, Brasil. Revista de Educação Pública: Cuiabá, v. 24, n. 55, p. 201-221, jan./abr. 2015.

SATO, Michèle; SILVA, Regina A.; JABER-SILVA, Michelle. **Educação Ambiental: tessituras de esperanças**. Editora Sustentável, EdUFMT, 2018. p.43-54.

SATO, Michèle; GAUTHIER, Jacques Zanidê; PARIGIPE, Lympo. Insurgência do grupo pesquisador na educação ambiental sociopoética. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel (Orgs.); **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**; Porto Alegre, 2008. p.99-109.